



10º Encontro de Ensino Pesquisa e Extensão

Patrocínio, MG, outubro de 2023

RELIGIOSIDADE E TRADIÇÃO CULTURAL EM *TORTO ARADO*, DE ITAMAR VIEIRA JÚNIOR

Alice Caroline Gonçalves Meira; Jonatas Aparecido Guimarães
IFTM Campus Patrocínio
Modalidade: Pesquisa
Formato: Resumo Expandido

Resumo:

Recentemente, tem-se observado um expressivo crescimento do número de publicações ficcionais de autoria afro-descendente, com enfoque para as suas tradições e subjetividades. Trata-se de um contexto estimulado pelo campo de debates da decolonialidade, que valoriza a discussão das identidades e alteridades, vistas em confronto e complementaridade. A partir desse campo, o presente trabalho tem como objetivo abordar a questão religiosa no romance *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior, que se notabilizou nos últimos anos. Para tanto, esta pesquisa parte de uma abordagem transdisciplinar, a partir da qual se articulam a leitura crítica da obra em pauta a discussões de aspectos da religiosidade afro-descendente e da teoria social da fragmentação das identidades culturais tal como discutidas por Stuart Hall (2015). Assim, observa-se que a religiosidade do Jarê é um elemento constitutivo da constituição das subjetividades na obra em análise. Mais que isso, trata-se de uma reflexão sobre as identidades femininas negras, vistas historicamente como o outro do homem branco ocidental, o que é tematizado na obra inclusive pela presença dos “encantados” que se incorporam nos personagens do livro (ou seja, trata-se do outro que, enquanto outro, se dá a ver no espaço religioso e no espaço ficcional do romance). Portanto, a produção ficcional de Itamar Vieira Junior reafirma a memória das tradições afro-descendentes, resistindo ao apagamento operado pelos processos colonizatórios.

Palavras-chave: Torto arado; Religiosidade; Subjetividade; Memória.

Introdução

O livro *Torto arado*, do baiano Itamar Vieira Junior, é um romance escrito em 2019 que acompanha a trajetória de duas irmãs durante diferentes fases de suas vidas e problematiza as injustiças a que essas mulheres são sujeitadas. Durante esse percurso, essas mulheres são acompanhadas de perto por uma encantada, uma entidade característica da religiosidade do Jarê que assume o lugar da ancestralidade. Um dos pontos mais impactantes da narrativa vincula-se ao fato de, apesar de o romance se passar no século atual e a escravidão ter sido abolida em 1888, os personagens da narrativa viverem ainda em condição servil, sem o conhecimento de seus direitos.

Durante o desenrolar da trama, em muitos momentos, é possível encontrar alusões diretas ao jarê, religião que, de acordo com Chagas (2022), é construída com base na mistura de credos africanos e indígenas permeados pelo cristianismo. Não muito conhecida atualmente, a crença, reterritorializada por mulheres nagô no Brasil durante o período colonial, se tornou quase exclusiva na região da Chapada Diamantina.

Ao relacionar esses dois pontos, é possível observar o importante papel desenvolvido pela religião na vida daquela população significativamente marcada pelo sofrimento e pela miséria. Como explicitado no último capítulo, narrado por uma entidade chamada de Santa Rita Pesqueira, a religião é utilizada como uma forma de resistência, pois os encantos representam antepassados que relatam experiências vividas por eles e conduzem as pessoas à procura de justiça.

Objetivos

Este trabalho objetiva evidenciar questões religiosas problematizadas em *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior, como forma de afirmação da tradição cultural afro-descendente.

Metodologia

Durante o desenvolvimento deste trabalho, pelo próprio objeto de estudo, foi empregada a metodologia de pesquisa eminentemente bibliográfica. Para isso, foram realizadas leituras de textos que relacionassem religiões de matriz africana, debates de

crítica literária que analisam a obra de Itamar Vieira Junior, bem como a teoria da fragmentação do sujeito e das identidades desenvolvida por Stuart Hall. Assim, por uma ótica transdisciplinar, empreende-se a análise crítica de *Torto Arado*, discutindo a articulação conceitual entre a religiosidade, as tradições, a memória e as subjetividades.

Ao iniciar a leitura dos textos, foi priorizado o romance, que deu caminho à vertente religiosa, por isso foram escolhidos artigos que pudessem encaminhar a pesquisa nessa direção. A partir de então, foram realizadas três leituras, a primeira salientou a ideia de sujeito utilizada durante a escrita, a segunda relacionou o livro ao seu contexto religioso e a terceira revelou sobretudo as incógnitas do jarê.

Referencial teórico

O referencial teórico desta pesquisa pode ser dividido em 4 partes, cada uma delas contendo uma das leituras realizadas.

Primeiramente, vale destacar o artigo “Torto arado ou torto encanto: o jarê contando história”, de Silvania Núbia Chagas. Para a escrita do relatório, ele se mostrou profícuo no sentido de analisar o jarê e alguns de seus elementos rituais na construção ficcional da obra em discussão.

Associando-se a essa discussão, foi também analisado o livro *O candomblé bem explicado: nações Bantu, Iorubá e Fon*, de Vera de Oxaguiã. Apesar de não se tratar exclusivamente do Jarê, contém informações frutíferas para a compreensão da forma como as religiões de matriz africana chegaram e se desenvolveram no Brasil.

Em articulação com esses pontos, ainda foi analisado o livro *Identidade cultural na pós-modernidade*, que permite colocar em discussão a percepção de sujeito, identidade e alteridade no momento histórico social habitualmente denominado como pós-modernidade. A partir disso, desconstrói-se a ideia de que o ser humano nasce com sua personalidade formada e apenas a desenvolve ao longo da vida. Portanto, esse emblemático livro permite notar como a religiosidade é constituintes das identidades culturais que, por mais fragmentadas e fluidas, são fundamentais para a preservação da memória de sociedades excluídas historicamente.

Desenvolvimento e resultados

O romance torto arado coloca em pauta elementos característicos do jarê, como uma forma de reafirmação da memória dessa cultura que vem se perdendo progressivamente ao longo dos séculos, devido aos sucessivos processos colonizatórios. Prova disto são as brincadeiras (chamadas assim por serem consideradas divertidas tanto para os encantados quanto para os participantes da celebração) relatadas ao longo da narrativa e as incorporações tão relatadas no último capítulo. Ao se denominar os ritos religiosos como brincadeiras, torna-se possível afirmar que se constrói um ambiente de afetividade entre os encarnados e encantados, constituindo um senso de comunidade com a ancestralidade, aspecto fundamental para as religiosidades pautadas nos saberes tradicionais.

Assim, apesar de ser muito cercada de preconceitos, a religião era muito respeitada por todos os membros da comunidade, assumindo a função de estabelecer o nexos social entre os membros familiares e entre os demais personagens. Podemos ver isto a partir dos diversos pedidos desesperados por ajuda que Zeca Chapéu Grande, pai das duas protagonistas Bibiana e Belonísia, recebeu durante sua vida. Essas súplicas, muitas vezes implorando pela cura de alguns males sofridos pela população, eram sempre atendidas com prontidão pelo curador.

Conclusões e considerações finais

Pode-se concluir, então, que a questão religiosa, na concepção da fragmentação do sujeito, influencia ativamente na produção de identidades. De forma resumida, ela atua moldando os valores éticos e sociais dos indivíduos e da comunidade, agindo como uma forma de resistência aos preconceitos e injustiças sofridos diariamente por aquele povo. Isto porque, ao explorar suas ancestralidades, cada um reconhece a força daqueles que vieram antes como sua e passa a lutar por aquilo que lhe é direito.

Referências

CHAGAS, Silvania N. *Torto arado ou torto encanto: o jarê contando história*. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/elbc/a/3d8Qdz8XLWXYnsVYttX8zyc/abstract/?lang=pt#:~:text=Resumo-,Resumo,Brasil%2C%20mais%20especificamente%20no%20Nordeste>>. Acesso em: 02 out. 2023.

JUNIOR, Itamar V. *Torto Arado*. São Paulo: Todavia, 2019.

KILEUY, O.; OXAGUIÃ, V. *O Candomblé Bem Explicado: Nações Bantu, Iorubá e Fon*. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu Silva e Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.